



XXI ENANCIB

Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

50 anos de Ciência da Informação no Brasil:
diversidade, saberes e transformação social

Rio de Janeiro • 25 a 29 de outubro de 2021

XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXI ENANCIB

GT 10 – Informação e Memória

UMA BIBLIOTECA DE MUSEU-CASA: A BIBLIOTECA DE RUI BARBOSA

A HOUSE MUSEUM LIBRARY: RUI BARBOSA LIBRARY

Letícia Krauss Provenzano - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)
Vera Lucia Doyle Louzada de Mattos Dodebei - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: Refere-se à pesquisa em finalização que tem por objetivo pensar a metamorfose subjetiva da biblioteca pessoal domiciliar em biblioteca de museu-casa, a partir da Biblioteca de Rui Barbosa, do Museu Casa de Rui Barbosa. A investigação tem natureza exploratória baseada em pesquisa bibliográfica. Explora o que configura a biblioteca de museu-casa. Aborda a biblioteca de Rui Barbosa a partir de alguns dos principais conceitos da pesquisa, como: lugar de memória, lugar de saber, valor memorial dos monumentos, valor dos objetos em museus-casas e patrimônio bibliográfico. Indica levantamento sobre bibliotecas de museus-casas no Brasil.

Palavras-chave: biblioteca de museu-casa; lugar de memória; lugar de saber; patrimônio bibliográfico; Biblioteca de Rui Barbosa.

Abstract: This paper refers to a finalizing research which aims to think about the subjective metamorphosis from home library to house museum library through Rui Barbosa Library of the Rui Barbosa House Museum. It is an exploratory nature investigation based on bibliographic research. It explains what a house museum library is. It considers the Rui Barbosa Library under these concepts: place of memory, place of knowledge, memorial value of monuments, value of house museum objects and bibliographic heritage. Indicates a survey of house museum libraries in Brazil.

Keywords: house museum library; place of memory; place of knowledge; bibliographic heritage; Rui Barbosa Library.

1 INTRODUÇÃO

Este resumo expandido refere-se à pesquisa em finalização sobre o tema da biblioteca de museu-casa, isto é, a biblioteca original de uma residência transformada em museu-casa.



XXI ENANCIB

Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

50 anos de Ciência da Informação no Brasil:
diversidade, saberes e transformação social

Rio de Janeiro • 25 a 29 de outubro de 2021

O objetivo geral foi o de pensar a metamorfose subjetiva da biblioteca pessoal domiciliar em uma biblioteca de museu-casa tendo como caso ilustrativo a Biblioteca de Rui Barbosa, do Museu Casa de Rui Barbosa. Os objetivos específicos: explorar o que configura uma biblioteca de museu-casa; relacionar a *Bibliotheca* do Rui Barbosa — a biblioteca da casa — especialmente ao conceito de lugares de saber (*lieux de savoir*); aproximar a Biblioteca de Rui Barbosa, a biblioteca do museu-casa, da discussão sobre patrimônio bibliográfico; e, identificar outras bibliotecas de museus-casas de personalidade¹ no Brasil.

A investigação é de natureza exploratória valendo-se de pesquisa bibliográfica e de levantamento para se obter um panorama das bibliotecas de museus-casas de personalidade no Brasil.

O estudo se insere na linha de pesquisa Biblioteconomia, Cultura e Sociedade do Mestrado Profissional em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

2 BIBLIOTECA DE MUSEU-CASA: CATEGORIA *SUI GENERIS*

Denominamos biblioteca de museu-casa aquela originalmente inserida na residência que foi musealizada. O fato dessa biblioteca estar num museu-casa pressupõe ter sido, antes, a biblioteca pessoal/particular/privada de alguém em seu domicílio. Logo, esta pesquisa não trata da biblioteca de museu, aquela que

[...] apoia o museu em todos os pontos e em todas as etapas da missão do museu. A biblioteca atenderá às necessidades de informação dos gestores e equipe através de seus próprios recursos ou através do acesso a outros recursos [...] (BIERBAUM, 2000, p. 8, tradução nossa).

Algumas bibliotecas pessoais ou particulares domiciliares resistiram à ausência permanente dos seus proprietários graças a uma institucionalização específica, a criação de um museu-casa — entendido como um gênero de museu cujo objetivo é celebrar/memorar uma personalidade ou um grupo proeminente por meio dos seus espaços domésticos pelos quais é possível perceber o contexto sociocultural daquele indivíduo ou grupo (PONTE, 2019) —, tendo sido mantidas, geralmente, em sua integralidade, no lugar original, isto é, na casa transformada em museu-casa.

¹ O Museu Casa de Rui Barbosa está incluído nessa categoria (CARVALHO, 2013), por isso o recorte.

No contexto dos museus-casas, para memorar um personagem notadamente reconhecido pela biblioteca particular formada em sua casa e pela sua relação com o acervo

A biblioteca apresenta um lugar ideal, onde o cenário e a coleção têm uma relação simbiótica, e, mais que qualquer outro ambiente, onde se transmitem as particularidades do proprietário (STOKES, 2008, p. 42, tradução nossa).

Nesta pesquisa considera-se a biblioteca de museu-casa peculiar pela característica complexa própria dessas bibliotecas que, da intimidade do ambiente antes privado, são lançadas às vistas do público dentro de um museu e desnudadas pelas mãos de pesquisadores, passando a gestão da sua materialidade a ser compartilhada, eventualmente, entre museólogos e bibliotecários.

Quando pensamos na biblioteca de museu-casa sob a perspectiva macro, ou seja, o acervo e o ambiente onde ele está, constatamos que ela repousa em dois campos disciplinares, a Biblioteconomia e a Museologia, preponderantemente caracterizados por instituições de memória e por práticas de memória.

De acordo com Dodebei (2015), um dos processos de memoração, ou seja, de produção de memórias, é por meio da acumulação. Conscientes da limitação da nossa própria capacidade mnemônica, criamos, ao longo da história, dispositivos auxiliares das nossas memórias individuais considerados, assim, memórias artificiais.

Esses “meios de armazenamento externos [...] fundamentam e flanqueiam a memória cultural como suporte material dela” (ASSMAN, A., 2011, p. 24). Isso implica que a memória cultural

[...] é exteriorizada, objetivada e armazenada em formas simbólicas que, diferentemente dos sons de palavras ou da visão de gestos, são estáveis e transcendentem à situação: elas podem ser transferidas de uma situação a outra e transmitidas de uma geração a outra. (ASSMAN, J., 2016, p. 118).

Os acervos de bibliotecas, assim como os de outras instituições de memória, resultam da acumulação das tais memórias artificiais ou exomemórias, formadas de registros memoriais.

O desejo de perpetuar a memória, acrescido da reprodutibilidade técnica com a conseqüente criação dos acervos, fez com que a sociedade produzisse próteses de suas memórias individuais, verdadeiras memórias auxiliares, cada vez mais extensas, diversificadas e até mesmo duplicadas, a exemplo das bibliotecas, dos museus, dos arquivos, dos monumentos históricos, gerando uma ampliação descomunal da capacidade de memória do mundo. (DODEBEI, 2015)

O sociólogo francês Gérard Namer (1928-2010) abordou, a partir do conceito de memória coletiva de Maurice Halbwachs, a questão da memória cultural, sob duas vertentes: as instituições de memórias culturais e as práticas de memórias culturais (NAMER, 1987).

Assim, bibliotecas são um tipo de instituição de memórias culturais, lugares onde se forma, pela reunião de memórias culturais, o que ele chama de memória social virtual. A fruição dessa memória se dá por meio das tais práticas de memórias culturais. No contexto das bibliotecas, essa virtualidade da memória se materializa pela leitura

Esses livros foram escritos para que os leitores os lessem um dia ou outro. Há, encerrado nessas páginas, um desejo de que nos lembremos do que está escrito ali: há uma memória-mensagem, essa memória é virtual; só se torna real agora; porque leio, ouço o conteúdo e a forma do que está aí escrito. [...] Daqui a pouco, quando o livro for fechado e recolocado no lugar, essa memória se tornará virtual novamente (NAMER, 1987, p. 74, tradução nossa).

Sendo bibliotecas e museus instituições de memória, uma biblioteca de museu-casa remete às *matrioskas*, as famosas bonecas tradicionais da Rússia, posto que temos uma coleção² dentro de outra. Ainda que essa biblioteca seja parte de um lugar de memória, um conjunto simbólico maior que ela, ela mesma também é um lugar de memória.

A biblioteca é um monumento vivo segundo Manguel (2017), para quem um monumento deveria, além de recordar algo, nos fazer recordar desse algo. Em referência à Sala dedicada ao professor Joaquim de Carvalho — onde foi instalada, após sua morte, a biblioteca que mantinha em casa — na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Dias (2018, p. 66) fez a seguinte consideração

O quadro, a estátua, os livros e impressos compõem o 'monumento', entendido, desde as suas origens filológicas, 'como tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação' (Le Goff, 1984: 95). Também por isso, cada livro pode ser visto como um documento não isolado do 'monumento' de que faz parte

A patrimonialização da biblioteca do Rui Barbosa no Museu Casa de Rui Barbosa faz dela um monumento vivo. Ela cumpre o papel de memorar o personagem Rui Barbosa e de ser um meio de se recordar dele. Rangel (2015, p. 102) analisou que

No discurso de inauguração da instituição, proferido pelo sr. Antonio Batista Pereira, fica explícito que o desejo do ilustre morto estava sendo realizado. A marca deixada pela presença humana, aludida por Arendt, parece ter sido

² O uso do termo coleção foi empregado com a intenção de exprimir a ideia de conjunto. Não se pretende abordar tema do colecionismo ou discutir conceitualmente coleção.

definida e articulada pelo jurista: o criador (Rui Barbosa) vislumbrou a criatura (museu-casa) que possibilitasse tornar seus vestígios imorredouros. Era, de fato, seu desejo que a marca, por ele deixada, pelo trânsito na terra fosse a ferramenta de trabalho que o distinguiu em vida: o conhecimento que ele creditava as horas de estudo e consulta aos livros de sua biblioteca.

Além disso, a vitalidade dessa biblioteca se mantém porque os livros não se tornaram objetos de museu³. Há um caráter híbrido nesse acervo: ora estático, compondo o cenário museológico, ora dinâmico, pela circulação das obras para serem consultadas no prédio anexo, o que torna temporária e visualmente incompleto aquele cenário. A disponibilidade do acervo que pertenceu a Rui Barbosa alimenta um círculo virtuoso memorial: quanto mais se pesquisa a biblioteca dele, quanto mais ela é fonte para estudos sobre o próprio Rui, maior a memorização desse personagem.

3 A BIBLIOTHECA⁴ DO RUI BARBOSA: A BIBLIOTECA DA CASA

No contexto desta pesquisa, o conceito de lugares de saber (*lieux de savoir*) foi apresentado como um novo modo de olhar para a biblioteca que Rui Barbosa (1849-1923) formou ao longo da vida e que foi considerada sua ferramenta de trabalho.

Esse conceito foi apresentado por Christian Jacob, membro da *École des hautes études en sciences sociales* (EHESS), por meio do projeto *Lugares de saber* — inspirado no hercúleo feito historiográfico coordenado por Pierre Nora denominado *Lugares de memória*. Um lugar de saber se configura a partir da dinâmica entre práticas, aparatos e os indivíduos para fins de elaboração, de transmissão e de fluxo dos saberes. O conceito emerge do campo de pesquisa denominado antropologia dos saberes no qual “os saberes são abordados menos como conteúdo do que como objeto de práticas, ao mesmo tempo mentais, materiais e sociais.” (JACOB, 2009, p. 121, tradução nossa).

Definimos os ‘saberes’ como o conjunto de procedimentos pelos quais os membros de uma sociedade, ou de um grupo nessa sociedade, dão sentido ao mundo que os cerca, em suas dimensões físicas e metafísicas, visíveis e invisíveis, ao mundo dos seres vivos ou da matéria inerte, ao mundo humano em todas as suas dimensões, ao tempo e ao espaço (JACOB, 2012, p. 211).

³ “Os objetos no museu são desfuncionalizados e ‘descontextualizados, o que significa que eles não servem mais ao que eram destinados antes, mas que entraram na ordem do simbólico que lhes confere uma nova significação (o que conduziu Krzysztof Pomian a chamar esses “portadores de significado” de *semióforos*) e a lhes atribuir um novo valor – que é, primeiramente, puramente museal, mas que pode vir a possuir valor econômico. Tornam-se, assim, testemunhos (con)sagrados da cultura”. (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 70).

⁴ A grafia seguiu a ortografia da língua portuguesa vigente antes da Reforma Ortográfica ocorrida em 12 de agosto de 1943, que aboliu o *h* depois de *t*. A adoção da ortografia *rétro* foi para aludir à biblioteca que Rui manteve até seu falecimento, ou seja, a biblioteca particular domiciliar dele, enquanto sua propriedade.

Sobre a biblioteca particular de um pesquisador, Jacob (2014, p. 77, tradução nossa) explica que ela também é um lugar de saber

[...] em seu arranjo material, em sua distribuição em diferentes móveis, em pilhas e linhas, na ordem e desordem que a organizam. A presença de fotografias, cartões postais, bugigangas que pontuam prateleiras têm significados emocionais e simbólicos que marcam um ambiente de vida e de trabalho. Os princípios de distribuição racional de livros são frequentemente subvertidos por caprichos de usos. Os livros mais usados, os livros recentemente usados ou adquiridos, ou livros para ler, agrupam-se ao alcance da mão e da visão do pesquisador.

A partir desse exemplo, pretendemos olhar para a Biblioteca do Rui Barbosa como um lugar de saber e constatamos que ela se desdobra em diversas camadas que variam desde a escala macro, entendida como a Biblioteca (iniciada pela letra B maiúscula para caracterizá-la como uma entidade), manifestada por meio do conjunto formado pelos cômodos ocupados por livros; pelo mobiliário, as estantes de livros, as escrivaninhas; pelos instrumentos, os tinteiros, o carimbador, os lápis, o mata-borrão, a espátula de abrir envelopes ou folhas de livros etc.; pelas folhas anotadas; pela própria biblioteca (com “b” minúsculo para denominar o acervo, a coleção em si); até a escala micro, por exemplo, uma anotação manuscrita feita por ele em uma página de um livro.

Para a reflexão sobre essa biblioteca como lugar de saber, destacamos alguns dos espaços ruianos de saber: o Salão (Biblioteca) e os gabinetes de Rui Barbosa; alguns dos elementos que representam a materialidade dos saberes, como estantes e escrivaninhas; e, como práticas ruianas de saber, suas anotações manuscritas.

4 A BIBLIOTECA DE RUI BARBOSA: A BIBLIOTECA DO MUSEU-CASA

Admitimos a institucionalização da biblioteca em razão, evidentemente, da transformação da residência em museu — a casa foi adquirida pelo governo brasileiro em 1924⁵ e o museu criado em 1927⁶. Entretanto consideramos que a patrimonialização da biblioteca ultrapassa a relação indissociável entre a parte e o todo. Não bastou musealizar a casa para se compreender institucionalizada a biblioteca. A biblioteca teve sua própria transformação.

Reconhecemos que ela foi institucionalizada também em função dos processos administrativos e biblioteconômicos pelos quais passou para manifestar sua nova forma de

⁵Decreto nº 4.789, de 2 de janeiro de 1924.

⁶Decreto nº 17.758 de 4 de abril de 1927.

ser e para tornar-se acessível. Para memorar Rui Barbosa a biblioteca não deveria estar confinada em si mesma, hermética. A biblioteca que, até a partida do seu proprietário, havia sido internalizada apenas por ele, foi desvelada para ser inventariada, foi tratada por bibliotecários, registrada, sistematizada em catálogo e, através dele, externalizada.

O processo de patrimonialização do legado de Rui Barbosa se traduz naquilo que Davallon (2000) considerou filiação inversa, pois nos tornamos herdeiros dos bens de Rui. É como uma herança assumida para si por uma comunidade que reconhece determinado legado como patrimônio, por isso, inversa, e não um patrimônio transmitido para ela pelo falecido. Tal comunidade seleciona qual(is) objeto(s) constitue(m) o legado a se transformar em objeto(s) patrimonial(is), conferindo a este(s) o status de patrimônio.

Riegl (2014)⁷ apresentou valores memoriais dos monumentos — valor de antiguidade, valor histórico e valor volúvel de memória ou de comemoração — e Ponte (2017), no cenário dos museus-casas, tratou do valor dos objetos, que pode ser: financeiro, artístico, histórico, sentimental, e valor de função/contexto.

Os objetos numa casa-museu têm mais do que o seu valor artístico ou utilitário, valem pelo contacto que estabeleceram com determinada personalidade, não devendo ser estudados desenquadrados da vivência da pessoa que os possuiu (PONTE, 2017, p. 120).

Atribuindo-se à Biblioteca de Rui Barbosa valor histórico de monumento — o monumento possui valor documental (RIEGL, 2014), considerada anteriormente essa biblioteca como monumento — e valor de função/contexto, que “reflete a importância que o objeto tem no contexto de vivência com o patrono ou a comunidade da casa onde se encontra” (PONTE, 2017, p.121), consideramos o acervo bibliográfico que pertenceu a Rui Barbosa como patrimônio bibliográfico, ainda que o conjunto seja temática, cronológica e materialmente heterogêneo.

Os valores mencionados representam outra instância patrimonializante que não aquela atrelada às propriedades endógenas emanadas das características intrínsecas e extrínsecas “originais” de um item bibliográfico ou de um conjunto deles, ou seja, pelo conteúdo intelectual e/ou aspectos materiais tidos como representantes da expressão cultural de um grupo, os itens representativos de certa identidade cultural. Esses valores revelam uma instância patrimonializante exógena para um item bibliográfico ou um conjunto

⁷ O texto original *Der Moderne Denkmalkultur: Sein Wesen Und Seine Entstehung* é de 1903. A edição consultada pela pesquisadora é a da editora Perspectiva, traduzida em português e publicada em 2014.

deles, o fato de ter(em) sido possuído(s) por alguém com quem um grupo reconhece um laço identitário ou em razão do uso e/ou quem/como fez uso de determinado item ou conjunto de itens.

5 BIBLIOTECAS DE MUSEUS-CASAS DE PERSONALIDADE NO BRASIL: UM PANORAMA

Dentre as ações e programas do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) identificamos o programa BiblioMuseus, cujo objetivo é “preservar e divulgar a memória bibliográfica e documental da museologia brasileira” (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS). Uma das metas deste programa seria a publicação do Guia de Bibliotecas dos Museus Brasileiros, planejado para 2014, todavia essa fonte não foi localizada por meio de busca *online*. Acreditamos que tal guia contemplasse as bibliotecas de museus-casas e que apresentasse informações detalhadas sobre elas.

Foi constatado que quanto aos dados sobre bibliotecas contidos na plataforma MuseusBr, fonte de informações sobre museus brasileiros, há apenas a indicação de o museu possuir ou não biblioteca e, em caso positivo, se está acessível ao público.

A obra Museu-casas históricas no Brasil, organizada por Ana Cristina Carvalho, funciona como um guia desse tipo de museu. Os textos informativos sobre cada instituição são uma apresentação concisa; contudo, os endereços eletrônicos institucionais foram indicados para acesso a mais informações.

Assim, obter um panorama dos museus-casas de personalidade no Brasil cumpre o objetivo de identificar bibliotecas congêneres à Biblioteca de Rui Barbosa. O levantamento inicial consistiu em selecionar dentre os museus elencados na obra Museu-casas históricas no Brasil aqueles classificados como museu-casa de personalidade para então prosseguir na identificação sobre suas bibliotecas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema da pesquisa, a biblioteca de museu-casa, foi explorado a partir da Biblioteca de Rui Barbosa do Museu Casa de Rui Barbosa. Para abordar essa biblioteca fez-se necessário explorar o que configura uma biblioteca de museu-casa e porque a consideramos uma categoria *sui generis*. Em seguida, a inserção da biblioteca de museu-casa no complexo campo da memória, pois parece inevitável associarmos os dois conceitos: biblioteca e memória.

Recorremos ao conceito de lugar de saber por entendermos que este representa grande característica da biblioteca pessoal do Rui Barbosa. O enfoque sobre a biblioteca como

parte do museu-casa se ancorou nos conceitos de filiação inversa e de valor memorial dos monumentos e de valor dos objetos em museus-casas para defender o acervo bibliográfico que pertenceu a Rui Barbosa como patrimônio bibliográfico.

O levantamento sobre as bibliotecas de museus-casas de personalidade no Brasil não foi concebido para ser um estudo exaustivo, mas sim uma prospecção para identificar bibliotecas congêneres à Biblioteca de Rui Barbosa.

As reflexões suscitadas pela pesquisa e as descobertas ao longo do percurso têm evidenciado a possibilidade de novas janelas, algumas transdisciplinares, para investigar biblioteca particulares ou bibliotecas de museus-casa.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, A. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Tradução Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2011.

ASSMANN, J. Memória comunicativa e memória cultural. **História Oral**, v. 19, n. 1, p. 115–127, 8 ago. 2016. Disponível em: <http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=642>. Acesso em: 12 nov. 2020.

BIERBAUM, Esther Green. **Museum librarianship**. 2nd. edition. Jefferson, North Carolina: McFarland & Company, 2000. *Ebook*.

BRASIL. **Decreto nº 17.758, de 4 de abril de 1927**. Cria o Museu Ruy Barbosa e aprova o seu regulamento. 1927. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-17758-4-abril-1927-500996-republicacao-86883-pe.html>. Acesso em: 21 nov. 2019.

BRASIL. **Decreto nº 4.789, de 2 de janeiro de 1924**. Autoriza o Poder Executivo a adquirir a casa em que residiu, o senador Ruy Barbosa, com mobiliário, bibliotheca, arquivo. etc. 1924. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-4789-2-janeiro-1924-565500-publicacaooriginal-89254-pl.html>. Acesso em: 21 nov. 2019.

CARVALHO, Ana Cristina (org.). **Museus-casas históricas no Brasil**. São Paulo: Curadoria do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo, 2013.

DAVALLON, Jean. Le patrimoine: "une filiation inversée"? **Espace Temps**, [Lausanne], Année 2000, 74-75, p. 6-16, 2000. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/espat_0339-3267_2000_num_74_1_4083. Acesso em: 17 dez. 2020.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (ed.). **Conceitos-chave em Museologia**. Tradução e comentários Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

DIAS, Débora. Do privado ao público: a biblioteca pessoal e suas metamorfoses. **Cescontexto**, Lisboa, n. 23, p. 57–71, dez. 2018.

DODEBEI, Vera. Memoração e patrimonialização em três tempos: mito, razão e interação

digital. *In*: TARDY, Cécile; DODEBEI, Vera (org.). **Memória e novos patrimônios.**

Marseille: OpenEdition Press, 2015. *E-book*. Disponível em:

<http://books.openedition.org/oep/865>. Acesso em: 19 maio 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Programa Bibliomuseus**. Disponível em:

<https://www.museus.gov.br/acessoainformacao/acoes-e-programas/programa-bibliomuseus/>. Acesso em: 26 maio 2020.

JACOB, Christian. Les Lieux de savoir: un entretien avec Christian Jacob. [Entrevista concedida a] MÜLLER, Bertrand. **Genèses**, ano 3, n. 76, p. 116–136, 2009.

JACOB, C. **Qu'est-ce qu'un lieu de savoir ?** Marseille: OpenEdition Press, 2014. Disponível em: <http://books.openedition.org/oep/423>. Acesso em: 6 abr. 2020.

JACOB, Christian. Retorno aos lugares de saber. **Revista da UFMG**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1 e 2, p. 206–227, jan./dez. 2012. Disponível em:

<https://www.ufmg.br/revistaufmg/volumes/19>. Acesso em: 9 jun. 2020.

MANGUEL, Alberto. **Conferencia La biblioteca de noche**. 2017. 1 vídeo (ca 59 min).

Publicado pelo canal Centro de Documentacion Audiovisual. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=yImaCKJOiqQ>. Acesso em: 29 jun. 2020.

NAMER, Gérard. **Mémoire e société**. Paris: Ed. Meridiens Klincksieck, 1987.

PONTE, António. Casas-museu – locais onde o património material e imaterial confluem numa comunicação orquestrada. 2017. *In*: CARVALHO, Ana Cristina (org.). **Anais dos Encontros Brasileiros de Palácios, Museus Casas e Casas Históricas: 2014-2017**. São Paulo: Curadoria do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo, 2018. cap. 2017: XI Encontro Brasileiro de Palácios, Museus-Casas

PONTE, António. Casas-Museu. Entre o conceito e o modelo de ação. Da constituição ao modelo de investigação. *In*: MONGE, Maria de Jesus (coord.). **10 anos de reflexão sobre casas-museu em Portugal**. [Vila Real?]: Direção Regional de Cultura do Norte, 2019. p. 19-[34]. (Património a Norte, 1). *E-book*.

RANGEL, Aparecida Marina de Souza Rangel. **Museu-Casa de Rui Barbosa: entre o público e o privado**. 2015. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/641>. Acesso em: 17 nov. 2019.

RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos: a sua essência e a sua origem**. Tradução Werner Rothschild Davidsohn, Anat Falbel. São Paulo: Perspectiva, 2014.

STOKES, Heidi Hutchins. **Rediscovering the Private Library: the National Trust of Great Britain and the campaign to expand the role of library Collections in historic house museums**. 2008. Thesis (Master of Arts in Museum Professions) – Seton Hall University, South Orange, 2008. Disponível em:

<https://scholarship.shu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2937&context=dissertations>.

Acesso em: 15 nov. 2019.